

Valor Econômico

O mercado reserva um ano mais homogêneo

Daniele Camba

03/01/2011



2010 foi um ano de extremos na bolsa brasileira. Alguns papéis subiram mais de 50%, principalmente aqueles voltados ao mercado interno. Já outros caíram o mesmo percentual ou algo próximo disso, entre eles, os papéis de commodities. Difícil de acreditar que esses dois lados fizeram parte de um mesmo mercado. Para este ano, os analistas acreditam que a bolsa será bem mais homogênea, com os setores mostrando desempenhos mais próximos uns dos outros.

"2011 será um ano bem mais equilibrado, com as ações de commodities e as do mercado interno se encontrando no meio do caminho", diz o sócio da Cultinvest Asset Management Walter Mendes.

Na visão dele, os papéis de commodities, como de siderurgia e petróleo, devem se recuperar aos poucos, juntamente com essas matérias-primas. Já as ações voltadas ao mercado interno também devem subir, mas bem menos do que as valorizações que tiveram no ano passado. "Esses papéis vão perder a enorme vantagem que tiveram ao longo de 2010 sobre as ações de commodities", diz Mendes.

Distância entre interno e commodity deve ser menor

O medo de como será o desaquecimento da economia chinesa, resultado do aperto monetário, afetou os setores de commodities no mundo. No entanto, a expectativa é de que a alta de juros será suficiente apenas para frear o PIB chinês de forma branda, sem nenhum cavalo de pau. A expectativa dos analistas é de que, a partir do momento que os investidores perceberem esse pouso suave da China, eles voltarão a ver as commodities com bons olhos.

Mendes acredita que isso deve acontecer a partir do segundo trimestre. "Os primeiros três meses serão de observação, aguardando os primeiros sinais de que tudo continua bem na China", diz o sócio da Cultinvest. Ele lembra que a recuperação de alguns países desenvolvidos, como os EUA, e a continuidade do crescimento dos emergentes vai sustentar de forma aquecida a demanda por commodities.

Espaço não falta para um movimento de valorização das ações de commodities, já que muitas delas apanharam bem em 2010. As ações preferenciais (PN, sem voto) da Petrobras caíram 22,96%, as PN da Gerdau Metalúrgica tiveram queda de 21,74%, enquanto as PN da Gerdau se desvalorizaram 20,94% e as PNA da Usiminas, 20,51%.

Nem todos são otimistas com a recuperação dessas ações. Na visão de um gestor, que prefere não se identificar, o setor de siderurgia ainda tem projeções de resultado muito altas, sendo que as companhias estão no meio de um processo estrutural de piora de rentabilidade, com pressão nas margens e competição acirrada, diz ele.

Já no mercado interno, o que se espera é a continuidade da valorização, só que de papéis que não tiveram altas expressivas em 2010. O grande retorno das ações de bens não duráveis, como alimentos, bebidas e fumo, deve dar lugar para papéis que ficaram para trás, como de bancos e construtoras.

Para Mendes, da Cultinvest, as construtoras devem se beneficiar da queda da inflação. Segundo ele, em 2010, os estrangeiros ficaram com medo de uma alta da taxa de juros e venderam as ações que são mais afetadas por um aperto monetário, como é o caso de construção.

Para o outro gestor, entre bancos, varejo e construtoras (setores dependentes de crédito), o de bancos é a melhor aposta. As ações de bancos estão baratas, possuem boa liquidez e os grandes bancos têm sólidos fundamentos, acredita ele. "Esses papéis devem subir mais do que a bolsa", estima o gestor.

Daniele Camba é repórter de Investimentos

E-mail daniele.camba@valor.com.br